

Director José Rocha Dinis | Director Editorial Executivo Sérgio Terra | N° 4182 | Quarta-feira, 20 de Novembro de 2013



LOCAL OPINIÃO ACTUAL DESPORTO GENTE GIRA ÚLTIMAS ESPECIALS JTM

“FORÇAS CRIATIVAS DE MACAU LUTAM PARA SE PODEREM EXPRESSAR”

19 NOV, 2013



Aurelio Porfiri acaba de lançar o livro “Il Canto dei Secoli” [O Canto dos Séculos] onde reúne reflexões sobre a música litúrgica, o género que na sua óptica condensa todo o “poder e beleza” da música. O compositor, maestro e organista italiano, que trabalha em Macau desde 2008, está também a desenvolver um projecto sobre a história da música no território onde pretende divulgar o trabalho “quase esquecido” de alguns compositores ocidentais que passaram por Macau. Em entrevista ao JTM, Aurelio Porfiri fala ainda sobre o panorama cultural do território e sobre o ambiente que dificulta a criação artística

Veio para Macau há cinco anos para dar aulas na Universidade de São José e acabou por ficar. Hoje é director das actividades corais no Colégio de Santa Rosa de Lima e responsável pelas actividades musicais no Colégio de Nossa Senhora de Fátima. No dia 30 de Novembro, às 18h00, os coros que dirige vão participar no concerto ‘When West Meets East’ [Quando o Ocidente se encontra com o Oriente], inserido no projecto de divulgação da história da música de Macau. A entrevista com Aurelio Porfiri aconteceu no Colégio de Santa Rosa de Lima, antes de partir para Roma, a cidade onde nasceu e se treinou como organista, e onde foi apresentar o livro “Il Canto dei Secoli” e realizar uma série de concertos.

- Porque decidiu escrever o livro “Il Canto dei Secoli”?

-Desde os 13 anos que estou ligado à música litúrgica. Fui organista na minha cidade natal, que é Roma, em igrejas importantes e bellissimas. Comecei a desenvolver um interesse particular pela música litúrgica. Desenvolvi muitos contactos musicos, com professores e cantores. Comecei a escrever bastante sobre este

CAPA DC

20 NOV 2013

Edição de papel a
às 16H de Macau



LUSOFO

18 NOV 2013

Suplemento sema
Jornal Tribuna de
Sai às Segundas-I



MALOClinic
DAY HOSPITAL MACAU

Não procure no Google curas e mezinhas. Confie nos nossos Especialistas

Visite-nos
(853) 8862
macau@maloclinic.com.mo
www.maloclinic.com.mo

TRIBUNA DE MACAU TV TDM OPINIÃO 18 NOVEMBRO



ver r

tópico e este livro é uma colectânea de artigos meus realizados ao longo dos últimos dez anos e que foram publicados em diferentes órgãos de comunicação social. São o resultado da minha pesquisa pessoal sobre a música litúrgica. Penso que é uma abordagem original, é uma visão abrangente sobre as grandes questões da música litúrgica, desde o papel do coro, ao organista, ao significado mais profundo da música litúrgica. Não é um livro apenas para especialistas. Penso que todas as pessoas que têm algum interesse pela religião podem encontrar algo que lhes desperte a atenção.

-Como é que entrou no mundo da música litúrgica?

-Sou muito sortudo porque sou de Roma e de Trastevere que é no centro de Roma e tem algumas das igrejas mais bonitas do mundo, como a Igreja de Santa Maria. Cresci com esta beleza nos olhos. Comecei a desenvolver este interesse pela música desde muito novo. Comecei a tocar em igrejas e cruzei-me com professores muitos bons. Isso deu-me algum conhecimento sobre a tradição Romana da música litúrgica, que é uma tradição que vem do Renascimento. Sinto-me feliz quando me consideram um filho desta tradição. O papel que acho que me pertence é o de transportar esta antiquíssima tradição para os tempos modernos, porque julgo que ainda tem muito para ensinar para as pessoas de hoje. Comecei por ser organista na Paróquia de Santa Maria de Trastevere, estive lá vários anos. Depois fui passei para a Igreja de Santa Maria dell’Orto. Durante dez anos fui director de música da “American Church”, na Igreja de Santa Susanna. Tornei-me então organista substituto do Vicariato da cidade do Vaticano na Basílica de S. Pedro, ou seja fui o organista da Basílica de S. Pedro. Na audiência geral que o Papa dá às quartas-feiras na Praça de S. Pedro era eu o responsável pela música. Comecei no último ano de João Paulo II e acabei com Bento XVI até que deixei a posição para vir para Macau.

-A música ainda é importante para a Igreja e nos rituais eclesiásticos?

-Francamente, e mesmo depois de escrever o livro, não sei se consigo responder a essa pergunta. Na Igreja hoje em dia há basicamente duas facções. Uma é inspirada pelo pensamento de Bento XVI que entende que a música e, sobretudo, certos tipos de música desempenham um papel muito importante na liturgia. Depois há outra facção que poderá ser chamada de progressista que entende que não há um género específico de música que deva fazer parte da liturgia. Defendem que qualquer música que contenha textos sagrados pode ser adaptada ao serviço da liturgia. São duas facções que se opõem e que lutam há décadas. Há pessoas que estão no meio das duas posições, há pessoas que são ainda mais conservadoras. Eu tenho uma posição realista. Eu admiro muito Bento XVI e estou próximo da sua posição. Por exemplo, acho que não faz sentido ter música *Pop* na liturgia mas tento entender quais são os argumentos da outra parte. Este encontro é por vezes difícil.

-Mas qual é o papel da música na liturgia?

-O papel da música é o de tornar a liturgia mais eficaz. Claro que a liturgia também é eficaz sem a música. A missa é eficaz sem música, mas a música ajuda as palavras litúrgicas a penetrar mais fundo na alma do crente. Porque esse é o poder da música e também o perigo. O próprio Bento XVI defende que precisamos de reconhecer o poder da música e a dupla face desse poder: ele pode ser benigno ou maligno. A música já foi usada para exaltar e manipular as pessoas, como por exemplo as músicas que incitam as pessoas para a guerra. Entendendo o poder da música, nós precisamos de usá-lo correctamente.

-Porque é que decidiu vir para Macau?

-Estou em Macau desde 2008. Dei aulas na Universidade de São José durante quatro anos. A experiência terminou entretanto e como colaborava com o Colégio de Santa Rosa de Lima e com a Escola de Nossa Senhora de Fátima eles perguntaram se queria continuar. Eu sou músico, onde puder fazer boa música sou feliz. No Colégio de Santa Rosa de Lima sou director das actividades corais e supervisiono a actividade dos três coros. São mais de cem crianças que participam, julgo que eles atingem um nível extraordinário.

No Colégio de Nossa Senhora de Fátima sou director das actividades musicais. Tenho muita sorte. Penso que o que faço é aqui é muito significativo. Sou muito feliz porque acho que estou a fazer diferença na vida dos meus estudantes.

-É fácil comunicar com as crianças?

-Os alunos são todos chineses mas esta é a secção inglesa do colégio, e eles falam inglês. Mas no colégio de Fátima, em que muitos não falam inglês, também tenho uma comunicação muito boa com os alunos, porque há uma comunicação emocional que vai de coração para coração e nisso acho que somos muito bons. Eu consigo relacionar-me muito bem com eles e eles comigo. Ver estes alunos a cantar o *Te Dum*, de memória, quando 95 por cento deles nem sequer são cristãos, é extraordinário. Todas estas coisas dizem-me que estou a fazer algo de muito importante para estes alunos e que até agora ainda não tinha sido feito. Espero que olhem para mim como alguém que contribuiu para o desenvolvimento da vida coral em Macau.

EDIÇÕES ANTERIORES

seleccione seleccione PE

Arquivo - Edições Anteriores a Março d

ESPECIAIS JTM

ESPECIAL GRANDE PRÉMIO



TRANQUILIDADE E TENSÃO NA CALÇADA DA “FORTALEZA” DE PACQUIAO



ROLLING STONES “NA CALÇADA PARA CONCERTO EM MACAU”



TAXAS DE CÂMBIOS

Moeda

MOP / EUR

MOP / HK

MOP / RMB

MOP / USD



-Que tipo de música cria?

-A minha música é fortemente influenciada pelo canto gregoriano e pela música da Renascença. Claro que tento adaptar estas linguagens aos tempos modernos porque o meu propósito é desenvolver novas linguagens e não copiar modelos. O mais importante no processo de composição de música não é ter muita ideias, mas ter poucas ideias e usá-las bem.

-Qual o tema do concerto vai organizar este mês?

-O concerto será apoiado pelo Departamento de Educação e é parte de um projecto maior intitulado “When West Meets East [Quando o Ocidente encontra-se com o Oriente], através do qual pretendo investigar o papel da música na história de Macau. Vamos editar pelo menos um livro sobre a história da música em Macau e depois haverá dois álbuns, com obras de alguns compositores do território além de um outro com composições da minha autoria. Precisamos de entender que houve compositores Ocidentais que desempenharam um papel muito importante no desenvolvimento do panorama musical de Macau, não apenas hoje mas também no passado. Por exemplo, o padre Maberini, um missionário italiano que esteve aqui durante os anos 20 ou 30. Ou o padre austríaco salesiano Guilherme Schmid. Aquele que eu acho que é o mais interessante é o padre Castro, que era um português que veio para Macau muito novo para estudar no Seminário de S. José. O padre Castro é um músico muito interessante que merece ser estudado mais em profundidade. A música que eles faziam era uma música fortemente inscrita na tradição Europeia. Quero estudar estes compositores porque fazem parte da mesma tradição na qual eu me insiro hoje. Talvez sejam conhecidos em Macau mas não no mundo.

-Muita gente crítica a falta de vida cultural em Macau. Qual a sua percepção?

-Em Macau há boas energias e bons talentos, alguns deles são os meus alunos, que são excepcionais. O problema é o ambiente que nos rodeia. Sobre isto, há um livro muito interessante chamado “Critical History of New Music in China” escrito pelo professor Liu da Universidade de Hong Kong. No capítulo dedicado a Macau, o autor escreve sobre alguns compositores do território e depois diz que todos, sem excepção, mesmo os que nasceram aqui, vão-se embora porque aqui não existe um bom ambiente para desenvolverem as suas capacidades musicais. É exactamente o que penso. Porque é que isto acontece? Se eu lhe desse a minha opinião ela seria talvez demasiado dura. Por isso diria que o problema não é do universo da música, mas está antes relacionado com a história de Macau, com a forma como se desenvolveu. Mas isto não significa que em Macau não existam boas forças criativas, elas existem. Mas claro que estas forças lutam para se poderem expressar por causa da cultura deste território. É uma questão muito complicada e delicada. Há forças criativas mas o ambiente não favorece o desenvolvimento destas forças.

A.J.

[QUEM SOMOS](#)

[ESTATUTO EDITORIAL](#)

[FICHA TÉCNICA](#)

[PUBLICIDADE](#)

[CONTACTOS](#)

Tribuna de Macau, 2013 © Todos os direitos reservados